

O PERCURSO GERATIVO DE SENTIDO DA CRÔNICA: UM OLHAR SOBRE A CIDADE DE CAMPOS DOS GOYTACAZES-RJ

Williane de Sá Marques (UENF)

ullimarques@gmail.com

Sérgio Arruda de Moura (UENF)

arruda@uenf.br

RESUMO

Para a Semiótica Discursiva, os textos possuem um sentido que pode ser interpretado por meio de um processo chamado *percurso gerativo de sentido* que se desdobra em três níveis: o fundamental, o narrativo e o discursivo. Com base nessa teoria – desenvolvida por Greimas (1979) e interpretada por autores como Fiorin (2016), Barros (2003) e Gregolin (1995) –, este artigo tenciona analisar a crônica “Cidade Alegre”, de autoria do escritor nascido em Campos dos Goytacazes, Waldir Pinto de Carvalho. Tal análise busca compreender o olhar sobre a cidade e as transformações pelas quais passou a partir de um texto literário com elementos factuais. Considerando ainda as particularidades do gênero textual crônica e a efervescência da produção literária e jornalística no município em questão, depreendeu-se que, para o narrador, a cidade de Campos deixou de ser alegre quando a urbanização extinguiu as manifestações culturais nas ruas.

Palavras-chave:

Crônica. Jornalismo. Literatura. Campos dos Goytacazes.
Percurso gerativo de sentido.

ABSTRACT

Texts for Discursive Semiotics have a meaning that can be interpreted through a process called *Generative Sense path* that unfolds on three levels: the fundamental, the narrative and the discursive. Based on this theory – developed by Greimas (1979) and interpreted by authors such as Fiorin (2016), Barros (2003) and Gregolin (1995). This article intends to analyze the chronicle “Cidade Alegre”, written by the campista writer Waldir Pinto de Carvalho. This analysis seeks to understand the view of the city and the transformations went through from a literary text with factual elements. Considering also the particularities of the chronic textual genre and the effervescence of literary and journalistic production in the municipality in question, it emerged that, for the narrator, the city of Campos dos Goytacazes stopped being happy when urbanization extinguished the cultural manifestations in the streets.

Keywords:

Chronicle. Journalism. Literature. Campos dos Goytacazes.
Generative path of meaning.

1. Considerações iniciais

É sabido que os meandros das cidades inspiram escritores e ofer-

tam pautas aos jornalistas desde os primórdios da literatura e da imprensa. Contar o lugar de origem ou de morada é um dos papéis dos que criam histórias, e narrar os episódios ocorridos neste espaço é compromisso daqueles que se dedicam à atividade da informação. Quando se trata da crônica, gênero que se desloca entre a abstração e o registro, é também comum encontrar as cidades e suas peculiaridades como objeto de observação.

Considerando, então, a cidade como uma espécie de texto e espaço de enunciação (MOURA, 2012), este artigo busca os sentidos abstratos e concretos de uma crônica que discorre sobre Campos dos Goytacazes, município que desperta o interesse de parte de seus cidadãos voltados às letras.

A crônica em questão é “Cidade Alegre”, de autoria do escritor campista Waldir Pinto de Carvalho, que dedicou a carreira às características e personalidades de sua terra natal. Esse texto foi publicado inicialmente no jornal “A Cidade” em 1975 e, posteriormente, no livro “O Espectáculo” (2005). Neste artigo, a crônica é investigada por meio do *percurso gerativo de sentido* (GREIMAS, 1985) da Semiótica Discursiva. Assim, busca-se percorrer os níveis fundamental, narrativo e discursivo do texto a fim de encontrar seus sentidos abstratos e concretos através de mecanismos sintáticos e semânticos.

Este artigo organiza-se em quatro seções: na primeira, faz-se uma breve contextualização de Campos e sua propulsão à literatura e ao jornalismo; na segunda, examina-se o gênero textual crônica; a terceira constitui-se na explicação das bases teóricas que levaram à criação da Semiótica Discursiva; e na quarta expõe-se o contexto de produção da crônica “Cidade Alegre” e, por fim, a aplicação dos conceitos no texto.

Esclarece-se que não há a intenção neste artigo de esgotar as possibilidades de análise da crônica, tampouco as considerações a respeito da cidade de Campos, mas de contribuir para o desenvolvimento de novos trabalhos que tenham como viés a literatura e o jornalismo proveniente desse lugar.

2. A Campos jornalística e literária do passado

Campos dos Goytacazes, no que tange à produção litero-jornalística, é marcada por forte engajamento por parte de seus atores sociais ao longo de sua história. Em 1935, Horácio Sousa (2014, p. 401)

qualificou o município como a “capital do intelectualismo fluminense”, uma vez que foi a primeira vila ou povoação provincial a possuir imprensa. Antes dele, Múcio da Paixão (1924, p. 15-17) lembrou que foi por intermédio da atividade jornalística que se caracterizou a “propulsão em favor das letras em Campos” e que a imprensa foi a responsável pelas “primeiras manifestações intelectuais dos que pensavam, sentiam e tinham necessidade de transmitir ao papel impresso as suas opiniões, no louvável intento de espalhar ideias”.

No século 20, eram dos jornais locais e, mais tarde, nas revistas literárias que os escritores se valiam para a publicação de suas obras. Tal fato não ocorria por acaso. O professor Sérgio Arruda de Moura (2012, p. 59) no artigo intitulado “Literatura, imprensa e cidade: a constituição do campo literário no Brasil” lembra que “imprensa, escritor-jornalista e aparelhos formam o tripé básico da instituição literária”. Logo, fica clara a importância que os jornais tiveram para os literatos campistas ao longo da história e, com o passar dos anos, não foi diferente.

Exemplos da efervescência jornalística e literária de Campos estão o jornalista e poeta romântico José Alexandre Teixeira de Melo (1833-1907); o também jornalista e escritor abolicionista José do Patrocínio (1853–1905), além do presidente da República nascido na Planície Goytacá, Nilo Procópio Peçanha (1867–1924) que, do mesmo modo, exerceu atividades literárias (SIQUEIRA, 1986). Um dos mais lembrados autores campistas do século 20, José Cândido de Carvalho, também iniciou sua carreira em jornais de Campos a partir da década de 1920, quando atuou como redator e revisor, antes de se firmar como romancista e contista.

Outro importante escritor do município que usufruiu da imprensa para a propagação de sua obra foi Waldir Pinto de Carvalho. Entre a década de 1940 até o ano de 2003, este publicava nos jornais “A Cidade” e “Monitor Campista” as histórias que, antes, contava nas emissoras de rádio e, no decorrer desse período, também nos livros. Aliás, é deste último autor a crônica a ser analisada nas próximas seções do presente artigo. Antes, faz-se necessário conceituar o gênero textual ao qual pertence o objeto dessa análise.

3. O lugar da crônica

“Ela é amiga da verdade e da poesia nas suas formas mais diretas

e também nas suas formas mais fantásticas”. As palavras de Antonio Candido registradas no texto “A vida ao rés-do-chão” (2003, p. 89) referem-se à crônica, gênero textual que possui características móveis e fluantes a ponto de haver certa dificuldade em traçar um padrão pré-moldado a ser seguido por aqueles que se aventuram a escrevê-lo. Quando o assunto é a narrativa cronística, não há moldes. Seus atributos confundem-se com os de gêneros literários canônicos, como o conto e/ou a poesia, e até com gêneros jornalísticos, como o artigo de opinião. Todavia há alguns preceitos que os estudiosos da área indicam como pontos determinantes para designar um texto como crônica.

Aspectos memorialísticos e factuais, por exemplo, estão ligados à etimologia da palavra *crônica*. O escritor e crítico literário brasileiro, Davi Arrigucci Júnior (1985) lembra que o termo tem origem no grego *krónos*, que significa *tempo*. Esse sentido expressa a condição desse gênero textual como um relato associado à temporalidade, isto é, à narração de um episódio registrado em certo espaço temporal. A publicação desses textos em jornais também contribui para a conceituação da crônica. Aliás, no Brasil, o estabelecimento do gênero em questão teria ocorrido por intermédio da imprensa em meados do século XIX (REDMOND, 2010).

Nada obstante, seja qual for a origem do gênero, alguns traços estilísticos também contribuem para a sua definição. Massaud Moisés (1989) ressalta o estilo marcado pela oralidade e pela temática, comumente situada em relatos de episódios cotidianos ou à ordem do dia do jornal. Antonio Candido (2003, p. 89-99) concorda ao afirmar que as crônicas têm uma “composição solta”, assumem um “ar de coisa sem necessidade” e se ajustam “à sensibilidade de todo o dia”. Outro autor, Afrânio Coutinho (2003), reitera essas peculiaridades ao afirmar que o gênero possui marcas de flexibilidade, de mobilidade e até mesmo de irregularidade.

Híbrida entre o jornalismo e a literatura, a crônica explora a função poética da linguagem, mobilizando recursos estéticos, ao abordar devaneios memorialísticos, reflexões quanto à condição humana e conjecturas diversas. O jornalista e professor Marcelo Coelho (2002, p. 156) concluiu que a crônica “se apresenta como um texto literário dentro do jornal, e que sua função é a de ser uma espécie de avesso, de negativo da notícia”.

Apoiando-se nos panoramas expostos, infere-se que a produção de uma crônica está atrelada à memória, à factualidade e à liberdade argu-

mentativa textual. Percebe-se que o cronista, sendo um sagaz observador do ambiente em que está inserido, um saudosista por excelência e um profissional da palavra, expõe em texto a leitura que faz do mundo, a expressão de suas recordações e os caminhos que percorre e que o levam a manifestá-los.

4. O campista Waldir Pinto de Carvalho e sua obra

Antes de discorrer sobre as bases teóricas de análise, faz-se relevante tecer breves comentários a respeito do texto-objeto deste artigo, bem como do autor que o escreveu. Trata-se da crônica “Cidade Alegre”, do escritor Waldir Pinto de Carvalho, nascido e criado na Baixada Campista. A trajetória de Waldir na literatura começou ainda na década de 1940, quando trabalhava como redator-produtor da Rádio Cultura de Campos. Lá, ele escrevia para o quadro humorístico intitulado “Jornal de Ontem” peças dramáticas e uma série de radionovelas, inclusive radionovelas-históricas, criação dele, que focalizavam heróis campistas. Na década seguinte, o escritor transpôs suas criações do rádio para os jornais impressos, especificamente para o “A Cidade” e para o “Monitor Campista”, nos quais ele passou a exercer a função de articulista até o ano de 2003, quando encerrou sua participação no “Monitor”.

A produção genuinamente literária de Waldir iniciou em meio à imprensa. De início, o escritor compilou parte do material oriundo das emissoras de rádio e mídias impressas em livros de publicação artesanal. Somente anos depois, Waldir lançou outras obras por intermédio de editoras. Ao todo, foram 24 livros publicados: os romances, a partir de radionovelas; os de cunho histórico, de pesquisas independentes; e aqueles em que são contatos mais pitorescos da Baixada Fluminense, de origem autobiográfica. Em geral, a obra de Waldir Pinto de Carvalho traz um apanhado de histórias ficcionais e ainda relatos e estudos referentes à sua cidade natal, Campos dos Goytacazes, como é o caso da rádio reportagem histórica “Nossa Terra, Nossa Gente”, da Rádio Difusora, e das trilógias “Gente que é nome de rua” (1985; 1988; 2001); “Na terra do Heróis” (1987; 1996; 1999); e “Campos depois do centenário” (1991; 1995; 2000).

Waldir, que nasceu em 27 de julho de 1923 e faleceu em 31 de dezembro de 2007, escreveu durante 50 anos consecutivos e a sua dedicação às letras foi reconhecida pelos seus conterrâneos. Na década de 1950, Waldir foi homenageado pela Câmara de Vereadores em virtude de

uma de suas radionovelas-históricas, “A Epopeia de Patrocínio”, a qual passou a integrar a programação oficial da municipalidade no centenário de nascimento de José do Patrocínio (CARVALHO, 1985).

Décadas depois, em 28 de dezembro de 2010, foi sancionada a Lei nº 8.203 que deu o nome de Waldir Pinto de Carvalho ao Arquivo Público Municipal da cidade. E, em 2017, ano que se completaram 10 anos de falecimento do escritor, este foi o autor homenageado na 9ª Bienal do Livro de Campos dos Goytacazes. Em vida, Carvalho ainda fez parte de diversas instituições culturais, tendo presidido a Academia Campista de Letras, a Academia Pedralva de Letras e Artes e o Instituto Histórico e Geográfico de Campos.

A crônica analisada neste artigo foi publicada inicialmente no jornal “A Cidade”, em 1975, e, anos mais tarde, em 2005, incluída no livro *O Espetáculo*. Valendo-se da memória dos tempos de adolescência em Campos, Waldir, em posição de narrador, coloca no texto algumas referências da cidade na década de 1930, como as cantorias populares, os pregões, o antigo costume dos vendedores de entoar versos para atrair clientes e o teatro de rua. Ao final da crônica, o narrador contrapõe essa memória às características do mesmo espaço quarenta anos depois, quando o som que se ouve nas ruas, ao invés das músicas e dos versos, é dos canos de descarga dos veículos. Assim, ele expõe seu juízo de valor acerca das transformações pelas quais a cidade passou ao longo dos anos.

5. Breve contextualização da Semiótica Discursiva

Para analisar o texto apresentado na seção anterior, optou-se por utilizar a perspectiva teórica inicialmente intitulada *Semântica Estrutural*. Este campo de estudos foi desenvolvido na década de 1960 pelo linguista lituano Algirdas Julius Greimas (1917–1992). Fundamentando-se no Estruturalismo e nas correntes semanticistas já em andamento à época, este autor tirou proveito, sobretudo, da teoria do signo linguístico, a princípio postulada por Ferdinand de Saussure (1857–1913), e dos pressupostos conceituais do linguista dinamarquês Louis Hjelmslev (1899–1965), que apontou a função semiótica do texto, isto é, a relação intrínseca e indissociável entre os planos da expressão (significante) e do conteúdo (significado) (MENDES, 2011, p. 180). Ancorado nessas ideias e ampliando-as, Greimas (1975, p. 15) inferiu que o sentido “não significa apenas o que as palavras queriam nos dizer”, mas também “uma intencionalidade e uma finalidade”.

Após se dar conta de que não seria viável a sistematização das palavras a partir de traços distintivos de significação – projeto conhecido como *análise sêmica*, que se valia do modelo fonológico para definir regras e criar matrizes semânticas a fim de descrever as unidades lexicais (FIORIN, 2016) –, Greimas estabelece as bases para a constituição da Semiótica. Isso se dá a partir da reflexão de que seria mais plausível compreender a construção dos sentidos em unidades maiores do que a palavra. Foi então que o estudioso passou a considerar o texto – seja verbal, visual, auditivo, sincrético, etc. Para ele, essa unidade complexa possui uma estruturação semântica definida, sendo possível descrever e explicar os mecanismos que engendram os seus sentidos (MENDES, 2011).

Nasce, então, o projeto que, mais tarde, passa a ser denominado *Semiótica Discursiva* (ou Greimasiana). Este objetiva, segundo Diana Luz Pessoa de Barros (2003, p. 7), “descrever e explicar o que o texto diz e como ele faz para dizer o que diz”. Acontece que, nesse processo de estabelecimento da semiótica, Greimas, inspirado no modelo morfológico e funcional criado por Vladimir Propp (1895–1970) para identificar os elementos narrativos dos contos maravilhosos russos, cria uma teoria gerativa, sintagmática e geral que contribui para a interpretação dos textos, o chamado *percurso gerativo de sentido* (FIORIN, 2016).

6. O percurso gerativo de sentido da crônica “Cidade alegre”

Tal percurso conceitua-se como uma sucessão de estágios a serem apreciados para a identificação da significação ampla do texto, desde o estado mais simples e abstrato até o mais complexo e concreto. Em síntese, estabelece-se três níveis (FIORIN, 2016): o fundamental (ou profundo), o narrativo, e o discursivo, e, para cada um desses, há um componente sintático e um componente semântico, caracterizados pelo encadamento/ordenação (sintaxe) dos conteúdos (semântica). José Luiz Fiorin (2016, p. 44) esclarece que esse percurso “é um modelo que simula a produção e a interpretação do significado”, permitindo “ler um texto com mais eficácia”. Abaixo, segue a interpretação da crônica “Cidade alegre” segundo os preceitos do percurso gerativo de sentido em cada um de seus níveis.

6.1. Nível fundamental

O primeiro nível do percurso, denominado fundamental ou profundo, encontra-se na base de construção de um texto e estabelece-se a

partir da “relação de oposição ou de diferença entre dois termos, dentro de um universo semântico” (GREGOLIN, 1995, p. 15). De acordo com Fiorin (2016), o texto possui uma categoria semântica fundamentada em dois termos semelhantes e, a partir deles, é designada uma diferença. Em outras palavras, busca-se, aqui, encontrar as relações de contrariedade e de contraditoriedade que dão sentido ao texto.

Ao aplicar esta ideia à crônica “Cidade alegre”, nota-se, já no título, que o texto se fundamenta na relação entre os termos opostos *alegria* e *não alegria*, inseridos na mesma categoria semântica. “Campos, na verdade, não é uma comunidade triste, mas já foi uma cidade alegre”, escreve o autor, e, por meio dessa síntese, pode-se inferir, nesta primeira etapa, que há uma contraditoriedade entre *aalegria* do passado e a *não-alegriado* presente. Fiorin (2016) explica que os termos que mantêm essa relação de contraditoriedade são definidos seja pela presença, seja pela ausência de um dado aspecto.

Ainda segundo Fiorin (2016, p. 22) “cada um dos contraditórios implica o termo contrário daquele de que é o contraditório” e “os termos que estão em relação de contraditoriedade definem-se pela presença e ausência de um dado traço”. Ou seja, ainda que o narrador diga que a Campos não é uma cidade triste, mas também não é alegre, a análise no nível fundamental demonstra que a tristeza é definida pela ausência da alegria.

Há ainda a qualificação semântica de cada um desses termos, que podem ser *eufóricos* (de valor positivo) ou *disfóricos* (de valor negativo); essa classificação depende do que está inscrito no texto. No que tange à crônica em questão, para o narrador, a Campos do passado, marcada pela música, poesia e teatro de rua, é eufórica, enquanto a condição da Campos do presente, em que ocorre a poluição sonora dos veículos automotores, é disfórica.

A sintaxe do nível fundamental abrange as operações de *negação* e de *asserção*, e ambas podem ocorrer na continuidade do texto. No que se refere à crônica em questão, há a afirmação da alegria, quando o narrador recorda a Campos de 1930, e a negação da alegria, no momento em que os sons das músicas, das poesias e das apresentações teatrais são substituídos pelo barulho dos veículos.

Em resumo, a semântica e a sintaxe do nível fundamental “procuram explicar os níveis mais abstratos da produção, do funcionamento e da interpretação do discurso” (FIORIN, 2016, p. 24). As próximas etapas refinam as ideias expostas nesse primeiro nível.

6.2. *Nível narrativo*

O segundo nível, o narrativo, dá conta da narratividade, isto é, da transformação que ocorre entre dois estados, o inicial e o final, que são, portanto, sucessivos e diferentes. Nesse sentido, a análise de um texto a partir do nível narrativo acontece através dos papéis desempenhados pelas posições de sujeito e objeto – mais especificamente da primeira em relação à segunda. Na crônica “Cidade alegre”, o sujeito da narratividade, àquele que sofre a ação, é a cidade de Campos e o objeto, a urbanização que, por sua vez, ocasiona a não-alegria/tristeza.

A intenção, nesse patamar de análise, é buscar o esquema narrativo que ocorre no texto considerando os dois tipos de enunciados elementares: de *estado* (ou de *ser*), que estabelecem uma relação de junção, disjunção ou conjunção entre um sujeito e um objetivo; e de *fazer*, que corresponde à transformação de um enunciado de estado para outro (de disjunção para conjunção, por exemplo).

Dentro dessa perspectiva, existem dois tipos de narrativas mínimas que podem estar presentes em um texto: a narrativa de *privação*, quando passa-se de um estado inicial conjunto para um estado final disjunto; e de *liquidação*, em que ocorre o contrário, de disjunto, passa-se a conjunto.

Nota-se que a crônica aqui analisada é constituída por uma narrativa de *privação*, uma vez que o texto se refere à transformação (enunciado de estado) da Campos interiorana, em que ocorriam manifestações culturais nas ruas (estado inicial conjunto), para a Campos urbana, repleta de carros, motocicletas e caminhões, mas sem a música, o teatro e a poesia (estado final disjunto), como pode ser observado no seguinte trecho: “Campos, não é triste, mas foi uma cidade muito alegre. E a música de hoje? Descargas abertas, dos carros envenenados, dos caminhões trucados, das motos disparadas” (CARVALHO, 2005, p. 68).

Essa organização da narrativa dá-se ainda por uma seqüência canônica de fases (FIORIN, 2016). A primeira fase é a *manipulação*, que acontece quando um sujeito leva o outro a querer ou a dever fazer algo, o que pode ocorrer por *tentação*, por *sedução*, por *provocação* e por *intimidação*. No caso da crônica Cidade Alegre, é difícil descrever esse nível, posto que o gênero crônica não possui padrões narrativos bem fundamentados, como dito nas seções anteriores, e parte do texto trata de um resgate memorialístico da Campos da década de 1930.

Isto posto, recorre-se a Fiorin (2016) que lembra que essa sequência, embora canônica, não é estanque. O autor afirma que, muitas vezes, as fases podem estar ocultas, as narrativas podem não se realizar completamente e ainda podem relatar apenas uma das fases, por exemplo. Logo, acredita-se que a manipulação no texto aqui analisado está oculta. Uma vez que essa fase não está clara, pode-se deduzir que Campos foi *tentada* pela possibilidade de tornar-se uma cidade grande a abrir mão de sua gênese cultural e regionalista e, assim, deixou de ser alegre.

A segunda fase é a da *competência*, processo em que um sujeito atribui a outro sujeito ou a si mesmo um *saber e/ou* um *poder fazer*; ou seja, para que o sujeito execute determinada ação, ele precisa ser competente (saber e poder fazer). Logo, a cidade possui a competência de crescer, deixar para trás as características que a qualificavam como um lugar do interior.

Aperformance é a terceira fase, em que ocorre a mudança de um estado a outro na narrativa. Campos, manipulada pela ideia de se tornar uma grande cidade, deixa de ser uma cidade alegre. A quarta e última fase é *sanção*, na qual se constata se o sujeito realizou, de fato, a transformação descrita na fase da *performance*. Com base no que já foi dito, conclui-se que sim, a transformação ocorreu, ainda que de maneira não positiva (de alegre, passou a não-alegre).

Quanto à semântica narrativa, Barros (2003) esclarece que esta é o local em que se realizam os valores inscritos nos objetos. Em um texto, há dois tipos de objetos: os *modais* (o querer, o dever, o saber e o poder fazer), necessários para a realização da *performance*, e os *de valor*, a concretização da conjunção ou da disjunção; e os modais são necessários para que o sujeito da narrativa obtenha os objetos de valor.

Na crônica, o objeto modal da cidade é o “poder fazer” a urbanização e o objeto de valor é a não-alegria, concretização da disjunção. Assim sendo, na transposição do nível fundamental para o nível narrativo, “os elementos das oposições semânticas fundamentais são assumidos como valores por um sujeito e circulam entre sujeitos, graças à ação também de sujeitos” (BARROS, 2003, p. 11).

6.3. Nível discursivo

Por fim, há o nível discursivo, que é a etapa mais superficial e complexa de análise, e mais próxima da manifestação textual, já que é

aqui que ocorra concretude das formas abstratas do nível narrativo. Conforme Maria do Rosário Valencise Gregolin (1995), as estruturas narrativas expostas neste patamar são convertidas em discurso quando o sujeito da enunciação assume sua posição a partir de escolhas, ou seja, o sujeito se manifesta no reconhecimento de um determinado ponto de vista.

A sintaxe discursiva decorre da projeção das categorias dêiticas de pessoa, espaço e de tempo – ou actorialização, espacialização e temporalização, que produzem, pela enunciação, efeitos de proximidade/subjetividade (em que há um “eu” e um “tu” no texto, como na literatura, na publicidade) e distanciamento/objetividade (quando não ocorre essa relação, como em textos científicos e jornalísticos).

Acredita-se que há, neste texto, um efeito de proximidade/subjetividade devido ao posicionamento do narrador e também à marcação do tempo e do espaço, como nos seguintes trechos da crônica: “Era a década de trinta”; “não sou eu o mais indicado para pronunciá-la”; “permitam-me, apenas, recordá-lo”, “e a música de hoje?” (CARVALHO, 2005, p. 67-8). Aliás, a colocação do narrador no texto e a delimitação temporal são características do gênero textual crônica, como já foi dito em outra seção deste artigo.

Fiorin (1995) lembra que esses mecanismos de instauração de pessoas, espaços e tempos no enunciado são chamados de *debreamagem* e *embreamagem*. O primeiro ocorre quando há a diferenciação entre esses elementos “reais” e as suas respectivas projeções no texto/discurso. Há *debreamagem* actancial, temporal e espacial, uma vez que há na enunciação, actante, tempo e espaço. Isso significa que a projeção do sujeito (cidade de Campos), do tempo (presente e passado), e do espaço (ruas), na crônica aqui analisada, é uma *debreamagem*.

A *debreamagem* também é subdividida em dois tipos: a *enunciativa*, em que se instalam no enunciado os actantes, o espaço e o tempo da enunciação; e a *enunciativa*, em que se instauram no enunciado os actantes do enunciado (ele), o espaço do enunciado e o tempo do enunciado (FIORIN, 1995). Também há a possibilidade de ocorrer *debreamagens* internas, isto é, quando um actante já *debreado* opera uma segunda *debreamagem*. Esse é caso da crônica “Cidade alegre”. Neste texto, o narrador se posiciona em determinados trechos, gerando uma *debreamagem* *enunciativa*; em outros trechos, a cidade de Campos é quem sofre a ação, ocasionando uma *debreamagem* *enunciativa*.

Ainda quanto à sintaxe discursiva, faz-se importante esclarecer que o enunciado (neste caso, a crônica) é a realização do enunciador (cronista/autor), produzida por meio da enunciação (ato de criação do texto). Logo, o nível discursivo de análise interessa-se pela enunciação, que se apresenta por meio de elementos presentes no texto e articulados pelo enunciador. Nessa perspectiva de análise, o que interessa é o encaideamento das ideias a partir do eu-aqui-agora (enunciação) instaurado no texto (enunciado), e não o autor (enunciador).

Portanto, na enunciação de “Cidade Alegre”, embora o narrador se posicione no texto, o sujeito do discurso se concretiza sintaticamente como a cidade de Campos, uma vez que é a ela que o texto se refere; o espaço são as ruas; e o tempo, a correlação entre década de 1930 (passado) e a década de 1970 (presente, quando o texto foi escrito/publicado).

Ainda sobre a diferenciação entre o narrador e a projeção do sujeito/actante (aquele que sofre a ação) do texto, vale citar que, na semiótica discursiva, existem diferenciações entre as vozes do discurso, e essas diferenciações são as responsáveis pela organização da enunciação (SILVA; OLIVEIRA, 2011, s/p). Há, portanto, uma hierarquia: o primeiro nível é o do enunciador, que é o autor do texto, e do enunciatário, que é o leitor; o segundo nível é o do narrador, que é o “eu”, e do narratário, o “tu”; já o terceiro nível da hierarquia é o do interlocutor e do interlocutário, que “instala-se quando o narrador dá voz a um actante no enunciado”. A cidade de Campos está, então, neste terceiro nível da hierarquia, e é o sujeito/actante da crônica em questão.

Já no que tange à semântica, a análise no nível discursivo pode ocorrer de duas maneiras distintas: por *tematização*, utilizando termos abstratos organizados por traços semânticos que se repetem; ou por *figurativização*, por termos concretos, que têm função representativa (MENDES, 2011). É a *isotopia* que assegura e fundamenta a coerência sintática e semântica do texto por meio da recorrência de temas e de figuras que contribuem para o direcionamento da leitura.

Em “Cidade alegre”, apreende-se que houve a figurativização, já que o narrador se preocupa em explicitar, por meio de situações concretas, os costumes da Campos do passado e do presente. Por meio do discurso direto e indireto, o narrador explicita os versos dos vendedores de rua e dos atores de teatro, descreve as situações diárias da cidade no passado e também cita a poluição sonora no presente da enunciação, para, assim, concluir que Campos não é mais tão alegre quanto outrora.

Logo, para o narrador, a alegria de Campos está atrelada à eferescência cultural, manifestada tanto pelos vendedores nas esquinas, quanto pelas companhias de teatro que chegavam ali. Ele associa a alegria e a não alegria aos ruídos da cidade: Campos era alegre quando o que se ouvia eram “canções festivas, cantorias simples, de gente simples que tanto exaltavam a alma da gente” (CARVALHO, 2005, p. 67); a alegria já não está presente quando os efeitos sonoros das descargas abertas dos veículos tornam-se frequentes, em decorrência do processo de urbanização o qual cidade passou ao longo dos anos.

7. Considerações finais

Alegre ou triste, Campos é uma cidade repleta de história. O ardor cultural desse lugar é tão notável que parte de seus habitantes que circunda os caminhos das letras voltou os olhos às suas idiossincrasias e destinou-se ao resgate da gênese identitária do povo campista. Waldir Pinto de Carvalho foi um deles. O escritor concentrou-se em historiar a sua cidade natal e uma de suas produções feitas à moda da casa foi analisada neste artigo.

“Cidade alegre” é um texto literário publicado em um jornal. Essa característica, intrínseca ao gênero crônica, já manifesta a parcialidade do conteúdo ali exposto. Trata-se de um resgate memorialístico e, portanto, nostálgico de alguém que pôde comparar as minúcias do passado às do presente nessa cidade tão peculiar.

Pretendeu-se, a partir dessas circunstâncias, encontrar o sentido presente no texto empregando os conceitos da Semiótica Discursiva Greimasiana, mais precisamente por via do percurso gerativo de sentido e seus níveis de apreciação. Nessa perspectiva, depreendeu-se que a crônica expõe uma visão particular das transformações sucedidas na cidade de Campos ao longo de 30 anos, que resultaram na extinção das cantorias populares e na decorrência da poluição sonora causada pela urbanização. Para o narrador do texto, Campos deixou de ser alegre quando o som dos veículos automotores tomou o lugar das manifestações culturais nas ruas.

Logo, apreende-se que a posição adotada pelo narrador de “Cidade alegre” é de alguém que foi interpelado por discursos anteriores, isto é, pelos eventos culturais experienciados por ele nos seus tempos de juventude e recordados com carinho na vida adulta. Essas vivências passadas, descritas na crônica, teriam influenciado a conclusão do narrador de

que a alegria da cidade já não é mais tão evidente quanto era em sua memória e que, diante disso, só resta a ele ter “paciência”.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICAS

ARRIGUCCI JR., Davi. Fragmentos sobre a crônica. In: _____. *Enigma e comentário*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. *Teoria semiótica do texto*. São Paulo: Ática, 2003.

CAMPOS DOS GOYTACAZES. Prefeitura Municipal de Campos dos Goytacazes. Superintendência de Comunicação Social. Arquivo Público revisita história do escritor Waldir Pinto de Carvalho. 2017. Disponível em: https://www.campos.rj.gov.br/exibirNoticia.php?id_noticia=40216. Acesso em: 02 abr. 2018.

CANDIDO, Antonio. A vida ao rés-do-chão. In: *Para gostar de ler: crônicas*. Volume 5. São Paulo: Ática, 2003. pp. 89-99. Disponível em: <http://grad.letras.ufmg.br/arquivos/monitoria/Antonio%20Candido%20A%20VIDA%20AO%20R%C3%89S%20DO%20CH%C3%83O.pdf>.

CARVALHO, Waldir Pinto de. Cidade Alegre. In: *O espetáculo*. Campos dos Goytacazes: Edição artesanal do autor, 2005. Disponível em: http://bibliotecavirtual.camaracampos.rj.gov.br/?option=com_flippingbook&view=book&id=123&page=1. Acesso em: 02 mai. 2018.

_____. *Gente que é nome de rua*. Campos dos Goytacazes: Edição artesanal do autor, 1985.

COUTINHO, Afrânio. Ensaio e crônica. In: ____; COUTINHO, Eduardo de Faria (Orgs). *A literatura no Brasil*. V. 6, 4. ed. São Paulo: Global, 2003. p. 117-43

FIORIN, José Luiz. A pessoa desdobrada. In: *Alfa*, São Paulo, V. 39, p.23-44, 1995. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/viewFile/3968/3643>. Acesso em: 9 jun. 2018.

_____. *Elementos de Análise do Discurso*. 15. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

GREGOLIN, Maria do Rosário Valencise. A Análise do Discurso: conceitos e aplicações. In: *Alfa*, São Paulo, V. 39, p. 13-21, 1995. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/3967>. Acesso em:

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

07 jun. 2018.

GREIMAS, Algirdas Julius. *Sobre o sentido: ensaios semióticos*. Rio de Janeiro: Vozes, 1975.

MENDES, Conrado Moreira. *Da Linguística Estrutural à Semiótica Discursiva: um percurso teórico-epistemológico*. Raído, Dourados, MS, v. 5, n. 9, p.173-193, jan./jun. 2011. Semestral. Disponível em: www.gpesd.com.br/baixar.php?file=101. Acesso em: 02 jun. 2018.

MOISÉS, Massaud. *História da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1989.

MOURA, Sérgio Arruda de. Literatura, imprensa e cidade: a constituição do campo literário no Brasil. In: *Vértices*, Campos dos Goytacazes-RJ, V. 14, n. Especial 2, p. 55-66, 2012.

PAIXÃO, Múcio da. *Movimento literário em Campos – Notícias sobre alguns poetas e prosadores campistas*. Rio de Janeiro: Typ. do Jornal do Commercio, de Rodrigues & C., 1924. Disponível em: http://bibliotecavirtual.camaracampos.rj.gov.br/?option=com_flippingbook&view=book&id=272&page=1. Acesso em: 02 mai. 2018.

REDMOND, William Valentine. Aspectos da crônica no Brasil: uma reflexão crítica. In: *Verbo de Minas*, V. 9, n. 17, jan./jun. 2010. Disponível em: <http://seer.cesjf.br/index.php/verboDeMinas/article/download/238/145>. Acesso em: 02 mai. 2018.

SILVA, Francisco Borges da; OLIVEIRA, Neila Silveira de. Análise semiótica do gênero textual tirinha – um recorte. In: *Revista Linguagem*, São Carlos, ed. 17, 2011. Disponível em: http://www.letras.ufscar.br/linguasagem/edicao17/art_silvaeoliveira.php. Acesso em: 9 jun. 2018.

SIQUEIRA, Walter. *Panorama da literatura campista*. Palestra. V. 47. Campos dos Goytacazes: Instituto Campista de Literatura, 1986.

SOUSA, Horácio. *Cyclo Áureo: História do 1º centenário de Campos*. Campos dos Goytacazes: Essentia, 2014.